

# Simpósio Temático 13

Jônatas Xavier de Souza

Universidade Federal da Paraíba

**Título da Comunicação:** “*Que bom te ver viva*”: um documentário que guarda relações diretas com a entrevista na situação de História Oral

**RESUMO:** Este trabalho é resultado da experiência no interior do Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), junto a linha de pesquisa *História e Saberes Históricos*, onde desenvolvemos investigações sobre o trauma e a humilhação que reverberam em representações áudio-imagéticas produzidas acerca da experiência de sociabilidade autoritária civil-militar (1964-1985). Para sua composição, utilizamos a narrativa audiovisual do filme *Que bom te ver viva*, documentário de longa-duração produzido por Lúcia Maria Murat de Vasconcelos no final dos anos 1980. O material documental reúne depoimentos de mulheres, ex-militantes de esquerda, que foram presas e torturadas nos porões obscuros da ditadura, trabalhando com histórias de vida marcadas fortemente por eventos traumáticos, se encaixando naquilo que os oralistas José Carlos Bom Meihy e Alessandro Portelli nomeiam de *História Oral Testemunhal*. Nosso propósito, consiste em refletir sobre as aproximações (sem esquecer as diferenças) entre os trabalhos do documentarista e do historiador, no que se refere à produção de conhecimento sobre o mundo histórico (passado ou presente), chamando a atenção para as várias possibilidades de diálogo que o documentário oferece para o ensino de história. Seguindo a tipologia explicitada por Bill Nichols, estabelecemos, inicialmente, uma discussão de cunho teórico a fim de elucidarmos as especificidades que caracterizam dentro do leque de subgêneros, o formato do filme tomado como fonte de pesquisa. Lembrando que, estamos diante de um material cujo trabalho passa pelas especificidades da *História Oral*, com ênfase às características subjetivas da experiência e da memória, propondo essa forma de acesso ao conhecimento sobre o mundo histórico, contribuindo para a formação de uma determinada *cultura histórica*. Conceito este, definido por Elio Flores como a intersecção entre a história científica e a história sem historiadores, feita, apropriada e difundida por uma plêiade de intelectuais, produtores culturais, memorialistas e artistas que disponibilizam um saber histórico difuso. Saberes que não podem ser recebidos ou lidos exegeticamente, sendo imprescindível, como esclarece Jörn Rüsen, uma verificação sob a luz de uma teoria da história, principalmente quando usados na prática pedagógica no *ensino de História*.